A MANIFESTO AGAINST THE PUBLISHING SYSTEM

FERDINANDO FREGA



UM MANIFESTO CONTRA O SISTEMA EDITORIAL

O oitavo volume da série Roots & Memory: um manifesto literário em quatro partes sobre por que o sistema editorial não consegue conter uma produção contínua e sem mediação — e o que resta quando o autor para de pedir permissão.

COLOFÃO

Ferdinando Frega — Nando the Scribe — The Fifth Blade

Pioneiro narrativo do Código Comportamental. Construiu um ecossistema editorial de um dólar em torno de uma única ideia: as finanças não têm um problema de dinheiro. Têm um problema de comportamento.

Editado e organizado dentro do ecossistema ONEDOLLAR-STORIES. Arquitetura digital: NAPLES-POST · NOASPECTTIME · ONEDOLLAR-STORIES. Publicado pela primeira vez em 2026. Composto em um layout tipográfico limpo e moderno, otimizado para a leitura digital. Publicado nos Estados Unidos.

AVISO DE DIREITOS AUTORAIS

© 2026 Ferdinando Frega / Frega Editore. Licenciado sob CC BY-NC-ND 4.0.

LIMIAR

Para quem entra

Atravessar este limiar significa deixar para trás a linguagem do sistema. Nada aqui exige ser compreendido — apenas reconhecido. Você não está entrando em um livro; está entrando em uma condição. O que você encontra lá dentro não espera permissão, mediação ou aprovação. A partir deste ponto, você é responsável por aquilo que reconhece.

MANIFESTO LITERÁRIO

Por que este livro existe

Este manifesto existe porque o sistema editorial continua falando dos autores sem saber o que fazer com eles. Ele os nomeia, os seleciona, os corrige, os distribui, mas não consegue compreendê-los. Não por má-fé: por incompatibilidade estrutural.

O autor não é uma figura profissional. Não é uma função de mercado. Não é uma variável a ser otimizada. Ele existe em uma condição.

Quando o sistema encontra uma condição, tenta normalizá-la. Quando não consegue, a chama de “loucura”, “imaturidade”, “inadequação” ou “falta de direção”. Este manifesto nasceu para parar de usar eufemismos.

Isto não é uma defesa do autor. É uma observação técnica: o sistema editorial não foi projetado para acolher aquilo que produz escrita verdadeira de forma contínua.

Este livro não pede reformas. Ele aponta um limite. E sugere uma saída.

NOTA EDITORIAL

Perímetro do projeto

Este é o quinto e último cartaz da série. Não introduz um tema novo. Ele fecha.

Não é um ensaio. Não é um panfleto. Não é crítica cultural. É um ato de delimitação.

O público-alvo não é o leitor comum. É todo o mundo editorial: editores, agentes, preparadores de texto, tradutores, consultores, plataformas, distribuidores, formadores, selecionadores e algoritmos humanos e automáticos. Ninguém fica de fora. Ninguém é responsabilizado.

O texto não propõe soluções operacionais, modelos alternativos nem boas práticas. Ele descreve um ponto sem retorno que já foi ultrapassado.

DEDICATÓRIA

Ato público privado

A quem produz escrita sem pedir permissão. A quem parou de se explicar. A quem entendeu que a continuidade não é arrogância, mas sobrevivência.

QUARTA CAPA

Atrito cognitivo

Este livro não vai melhorar o sistema editorial. Não vai ajudar a “descobrir novos autores”. Não vai tornar o mercado mais justo.

Ele serve a um único propósito: deixar claro que o autor não é o problema a ser resolvido, mas a variável que o sistema não consegue conter.

Quem se reconhece não precisa fazer nada. Quem se sente atacado já entendeu.

PREFÁCIO

Voz que antecede

Se este manifesto lhe parece excessivo, não é porque exagera. É porque descreve aquilo que normalmente fica escondido sob a linguagem.

Este texto não argumenta. Ele subtrai. Subtrai narrativa. Subtrai justificativa. Subtrai romantismo.

O que resta não é uma tese. É um fato.

PREMISSA

Orientação mínima

Este manifesto nasceu de um livro que não buscava legitimidade. *Author Inside Madness* não é um relato pessoal, mas a descrição de uma condição produtiva incompatível com

o sistema que afirma administrá-la. Aqui essa condição é separada do sujeito e tornada legível como fenômeno estrutural.

Você não precisa concordar. Basta ser honesto.

NOTA DO AUTOR

Assunção de responsabilidade

Este texto não representa ninguém. Não fala em nome de nenhuma categoria. Não busca consenso. É escrito partindo do pressuposto de que o leitor é responsável pelo que faz com aquilo que compreende.

Nada do que vem a seguir pretende tranquilizar.

INTRODUÇÃO

Último passo antes do texto

O mercado editorial não está em crise. Está cognitivamente comprometido. Este manifesto não tenta recuperá-lo. Ele o ultrapassa.

DIVISÃO

Arquitetura interna

O texto se divide em quatro blocos progressivos. Cada bloco reduz ainda mais o espaço para interpretação. Não há escalada emocional. Há compressão.

PRÓLOGO

Primeiro disparo

O autor não entra no sistema. É o sistema que tenta entrar no autor. Aqui ele falha.

PARTE I — DECLARAÇÃO

Destinatários

Este manifesto se dirige a todos no mundo editorial. Sem exceções. Sem hierarquia. Ele mira quem decide, quem filtra, quem corrige, quem distribui, quem avalia, quem traduz, quem forma, quem mede, quem monetiza. Mira também quem se define como “independente”, “alternativo”, “lateral” ou “de fronteira”.

Não é destinado aos autores. Não é destinado aos leitores. Os autores não precisam ser convencidos. Os leitores não precisam ser guiados. Este texto fala a quem administra.

Excluídos

Quem busca conforto não é o destinatário. Quem quer se sentir com razão não é o destinatário. Quem exige soluções rápidas não é o destinatário. Quem confunde papel com função não é o destinatário.

Este manifesto não dialoga. Não negocia. Não faz mediação. Não existe uma versão “suave” do que vem a seguir. Existe apenas uma versão legível.

Uma introdução técnica

O sistema editorial não é mau. Nem sequer é incompetente. É coerente consigo mesmo. Foi projetado para selecionar, padronizar, reduzir o risco, prever comportamentos e reproduzir modelos que funcionam.

O problema surge quando ele encontra aquilo que não pode ser modelado. O autor verdadeiro não cabe em uma fôrma. Não por rebeldia. Por natureza.

O autor não é uma figura

O autor não é uma profissão, um papel, uma etapa do caminho nem uma promessa futura. É uma condição produtiva. Produz antes de ser autorizado. Continua produzindo sem retorno. Não para à espera de validação.

Essa condição é incompatível com qualquer sistema baseado em espera, seleção, aprovação e programação. O sistema não a reconhece. Ele a interpreta.

O erro fundador

O primeiro erro do mercado editorial é semântico. O sistema chama de “autor” aquilo que já foi normalizado. O sistema chama de “talento” aquilo que ainda é administrável. O sistema chama de “loucura” aquilo que não pode ser contido.

Não é uma escolha ideológica. É um reflexo estrutural. Quando um elemento não se encaixa na grade, a grade não é questionada. O elemento passa a ser tratado como patologia.

Normalização

A edição não é uma ferramenta neutra. A seleção não é um ato cultural. A distribuição não é um serviço. São mecanismos de normalização. Funcionam perfeitamente se o objetivo é tornar legível, tornar vendável, tornar repetível.

Falham quando encontram uma escrita que não pede permissão, não se encaixa, não desacelera, não pode ser justificada. Nesse ponto, o sistema não corrige. Ele expulsa.

Expulsão silenciosa

A expulsão não acontece por meio de uma recusa explícita. Acontece por meio do silêncio, do adiamento, de um conselho, de um caminho sugerido, de uma promessa futura. É uma expulsão educada. Racional. Justificada.

Quem a sofre muitas vezes não percebe. Acredita que “ainda não está pronto”. Já está fora.

O mito do caminho

Não existe um caminho editorial. Existe uma narrativa retroativa. Ela é construída depois, quando um caso já fez sucesso, para torná-lo replicável.

Nenhum autor verdadeiro seguiu o caminho. É o caminho que é desenhado em torno dele, a posteriori. Quem tenta segui-lo antes do tempo é treinado na dependência.

O medo da continuidade

O sistema editorial não teme o autor. Teme a continuidade. Um único livro é administrável. Uma produção contínua não

é. A continuidade quebra o calendário, invalida as estratégias e torna a seleção inútil. É por isso que é desencorajada. Diluída. Interrompida.

A autoria contínua não é um valor. É um risco sistêmico.

Fechamento

Este manifesto parte de uma constatação simples: o sistema editorial não está em crise porque não encontra autores. Está em crise porque não sabe o que fazer com aqueles que existem de verdade.

Tudo o que vem a seguir não é uma proposta. É uma consequência.

PARTE II — DESMONTAGEM

A "descoberta" dos autores

O mercado editorial afirma descobrir autores. Não é verdade. Autores não são descobertos. São interceptados quando já são legíveis, já redutíveis, já apresentáveis. O que não é imediatamente decifrável não é explorado. É evitado. A descoberta exigiria um tempo que não pode ser monetizado. O sistema não o tem.

O filtro como álibi

O filtro é apresentado como garantia de qualidade. É uma barreira de compatibilidade. Não seleciona os melhores. Seleciona aquilo que não perturba seu equilíbrio interno. O filtro não pergunta: "Este texto é necessário?". Pergunta: "Este

texto causa problemas?”. Se a resposta é sim, o texto não passa.

O editor como mediador

O editor não é um guardião do texto. É um mediador do sistema. Sua tarefa real não é melhorar a escrita, mas torná-la mais previsível, mais alinhada, mais defensável internamente. Quando o texto resiste, o editor não insiste. Ele relata a incompatibilidade. A decisão já foi tomada.

O mito do cuidado

“Nós cuidamos dos autores” é uma das frases mais ditas e menos praticadas. O cuidado só existe enquanto o autor produz pouco, espera e agradece. Quando o autor acelera, o cuidado se transforma em gestão de danos. Um autor que nunca desacelera não pode ser cuidado.

Construção de carreira

A carreira é uma ficção ordenadora. Serve para desacelerar a produção, fragmentar a obra e manter o controle narrativo. O autor que produz demais é acusado de não estar “construindo”. Ele está escapando. Uma carreira não protege o autor. Protege o sistema do ritmo do autor.

A promessa do futuro

O futuro é a ferramenta de contenção mais eficaz. “Agora não.” “Mais tarde.” “O próximo livro.” “Quando chegar a hora.” O futuro é usado para neutralizar o presente, apagar a urgência e suspender o conflito. O autor que aceita o futuro renuncia ao presente.

A distribuição como ilusão

A distribuição é apresentada como acesso. É visibilidade condicionada. O texto não chega aos leitores. Fica preso entre obstáculos, algoritmos e prioridades. A distribuição não amplifica. Dilui. Um texto contínuo perde força cada vez que é adaptado a uma vitrine que não o reconhece.

O mercado como justificativa

O mercado não decide. É invocado. Serve para encerrar discussões sem assumir responsabilidades. “O mercado não está pronto” significa: “O sistema não quer se expor.” O mercado não lê manuscritos. Lê aquilo que lhe permitem ver.

A plataforma como salvação

As plataformas são descritas como alternativas. Não são. São filtros automatizados com outra linguagem. Não leem textos. Medem comportamentos. O autor persistente não é recompensado. É absorvido ou tornado invisível.

Fechamento

Tudo o que o mercado editorial afirma fazer serve a uma única função: ganhar tempo quando encontra algo que não consegue administrar. O problema não é ético. É estrutural. Agora o sistema está completamente exposto.

PARTE III — O AUTOR POR DENTRO

Não um caso, uma condição

Author Inside Madness não descreve um indivíduo. Descreve condições operacionais. Não é uma história pessoal. Não é um trauma narrado. Não é uma confissão. É um mapa do que acontece quando escrever não é uma escolha, mas uma necessidade estrutural. O sistema não sabe lê-lo porque não reconhece as necessidades.

A escrita como estado

O autor verdadeiro não "escreve". Ele está sempre escrevendo. Não entra e sai do texto. Não espera o momento certo. Não avalia a conveniência. Escrever não é um ato intermitente. É um estado contínuo. O sistema funciona por eventos. O autor funciona por persistência. É aqui que nasce a incompatibilidade.

A loucura como rótulo defensivo

Quando o sistema não entende, rotula. "Excesso." "Compulsão." "Falta de distanciamento." "Insustentável." A loucura não é um diagnóstico clínico. É um nome de segurança. Serve para proteger o sistema daquilo que não pode ser desacelerado nem explicado.

Produção não autorizada

O autor verdadeiro produz antes que alguém lhe peça. Não espera contratos, janelas, confirmações, estratégias. Produz porque não produzir é impossível. Essa produção é vista como

um erro. É coerência interna. O sistema recompensa a espera. Pune a urgência.

Isolamento funcional

O isolamento do autor não é romântico. É funcional. Serve para manter a continuidade, proteger o ritmo e evitar interferências. O sistema interpreta o isolamento como incapacidade de se relacionar. É higiene de produção.

A continuidade como ameaça

A continuidade não é uma virtude editorial. É uma ameaça operacional. O autor que nunca para invalida as métricas, torna a seleção inútil e esvazia o conceito de lançamento. O sistema precisa de pausas. O autor contínuo não. Por isso, é convidado a parar. Ou a desaparecer.

O leitor inesperado

O leitor verdadeiro não é aquele imaginado pelas estratégias editoriais. Não procura tranquilidade, pertencimento ou orientação. Procura ressonância. O sistema constrói públicos-alvo. O autor encontra indivíduos. Por isso, o sistema não consegue prever o que acontece quando o texto circula livremente.

A tradução como ato político

Traduzir não é adaptar. É deslocar uma condição de uma língua para outra. O sistema traduz para ampliar o mercado. O autor traduz para manter a continuidade. Cada língua acrescentada reduz o controle. É por isso que a tradução em massa é vista como excessiva.

A obra como única linguagem

O autor não explica. Produz. O sistema pede contexto, entrevistas, biografias e intenções. O autor responde com a obra. Isso é interpretado como arrogância. É precisão. O texto é a única linguagem que não mente.

Fechamento

O autor não está em conflito com o sistema. Está fora de escala. Não porque seja superior. Porque opera em outro eixo. O sistema não pode corrigi-lo. Só pode ignorá-lo ou tentar reduzi-lo. Resta um último passo.

PARTE IV — ATO FINAL

Não uma crise, um limiar

O mercado editorial não está atravessando uma crise. Ultrapassou um limiar irreversível. Além desse limiar, a seleção não funciona, a mediação atrasa, a legitimidade é irrelevante. O sistema continua operando como se o limiar não tivesse sido ultrapassado. Este manifesto serve para nomeá-lo.

O autor não vai voltar

O autor contínuo não vai pedir perdão. Não por orgulho. Porque não tem motivo para isso. Ele já está produzindo. Já está circulando. Já está sendo lido. O sistema não é mais uma passagem obrigatória. É uma opção, entre outras. E opções não geram obediência.

O fim da mediação

Quando a produção é direta, a mediação vira ruído. Não é combatida. É ignorada. Este é o ponto que o sistema tem dificuldade em aceitar: ele não está sendo atacado. Está sendo contornado.

Nenhuma reforma possível

Não existem reformas editoriais capazes de conter o autor verdadeiro. Qualquer tentativa de regular, integrar ou acompanhar chega tarde. A estrutura já foi superada pela velocidade do fenômeno.

O leitor já escolheu

O leitor não espera permissão. Segue aquilo que ressoa. Não distingue entre publicado, autopublicado, distribuído, independente. Distingue apenas entre vivo e morto. O resto é burocracia.

O silêncio como resposta

O sistema vai responder com o silêncio. É sua última defesa. Não vai negar. Não vai argumentar. Não vai confrontar. Vai continuar como se nada estivesse acontecendo. Mas o silêncio não detém a produção. Torna-a irreversível.

Isto não é uma guerra

Não há conflito. Não há rebelião. Não há inimigo. Há um desalinhamento definitivo. O sistema defende a própria forma. O autor segue as próprias necessidades. Não existe terreno comum.

Instruções de saída

Estas não são instruções operacionais. São instruções cognitivas. Reconhecer que o autor não é administrável, que a continuidade não é corrigível, que o controle já está perdido. Aceitar isso ou continuar fingindo. As duas escolhas têm um custo.

O que resta

Resta ao mercado editorial uma única opção: parar de falar dos autores e começar a observá-los sem intervir. Não para recuperá-los. Para evitar mais danos. Este manifesto não pede adesão. Pede clareza.

Fechamento

O autor não precisa do mercado editorial para existir. O mercado editorial precisa do autor para se justificar. Este livro não conclui um debate. Ele o torna inútil. Quem precisava entender já entendeu.

PARTE FORA DO EIXO — EXPOSIÇÃO

Não estou construindo uma alternativa

O que estou fazendo não é um modelo editorial alternativo. Não é uma plataforma. Não é uma estratégia de posicionamento. Não estou tentando provar que “podemos fazer melhor”. Estou provando que podemos passar sem. Sem pedir acesso. Sem esperar validação. Sem negociar o ritmo. Este não é um projeto contra ninguém. É um projeto indiferente.

A produção não é uma provocação

A quantidade não é um desafio. A continuidade não é uma mensagem. A velocidade não é uma demonstração de força. É a consequência direta de uma condição que não vai embora. Não produzo para ocupar espaço. Produzo porque parar distorceria o processo. Quem lê os números como ostentação está usando categorias que aqui não funcionam.

O preço é um filtro, não uma lente

O preço não é definido para gerar lucro. É definido para não mentir. Não é alto o bastante para criar status. Não é baixo o bastante para fazer barulho. Serve a um único propósito: selecionar quem entra por reconhecimento, não por consumo impulsivo. Aqui o dinheiro não mede valor. Mede atenção consciente.

O reconhecimento que procuro

Não procuro aprovação. Não procuro proteção. Não procuro representação. O reconhecimento que procuro é técnico. Ser visto como um produtor contínuo, um autor fora do padrão, um sistema coerente, um fenômeno não assimilável. Não quero ser incluído. Quero ser reconhecido como incompatível. Este é o único reconhecimento que importa.

Por que expor tudo

Expor tudo não é transparência moral. É uma escolha estrutural. Torna visíveis o volume, o ritmo, a repetição, a coerência. Serve para tirar do sistema sua última arma: a ambiguidade. Aqui não há nada a interpretar. Basta observar.

Não estou construindo uma comunidade

Não procuro um público. Não procuro seguidores. Não procuro pertencer. Quem lê, lê sozinho. Quem entra, entra sem ser chamado. As comunidades são ferramentas de contenção. Eu trabalho com trajetórias individuais. Isso torna o fenômeno inadministrável. E é intencional.

O uso das línguas

A multiplicação das línguas não é expansão de mercado. É perda intencional de controle. Cada língua desmonta a mediação. Cada tradução enfraquece a autoridade central. Cada versão autônoma debilita a hierarquia. Não procuro coerência cultural. Procuro persistência estrutural.

Por que não paro

Não paro porque parar significaria me adaptar a tempos externos. Meu tempo é interno ao processo. É inegociável. Não pode ser sincronizado. Isso torna automaticamente ineficaz qualquer tentativa de gestão.

Este é o ponto de reconhecimento

Quem é do ramo agora entende que não se trata de conteúdo. Trata-se de autonomia completa, produção sem mediação, reconhecimento sem legitimação, existência editorial fora do sistema. Isto não é replicável como modelo. É legível como fato.

Fechamento real

Não estou pedindo espaço. Estou ocupando um espaço inesperado. Quem trabalha no mercado editorial pode ignorá-

lo. Pode minimizá-lo. Pode arquivá-lo como anomalia. Mas não pode mais fingir que não o viu. Este livro não é um fim. É um reconhecimento.

FECHAMENTO

O que foi dito acima conclui uma posição. Não apresenta um autor. Não exige adesão nem interpretação. Serve apenas para delimitar um espaço.

Daqui em diante, nenhuma tese ou sugestão é proposta. Nenhuma discussão é aberta. Nada é iniciado.

O que vem a seguir não explica o manifesto. Não o completa. Não o justifica. É uma presença. Nada mais.

Ferdinando Frega